

O ESTADO DE S. PAULO

D1

CADERNO 2



Camille Claudel, pela primeira vez

Esculturas da francesa podem ser vistas a partir de hoje em SP. Pág. 2

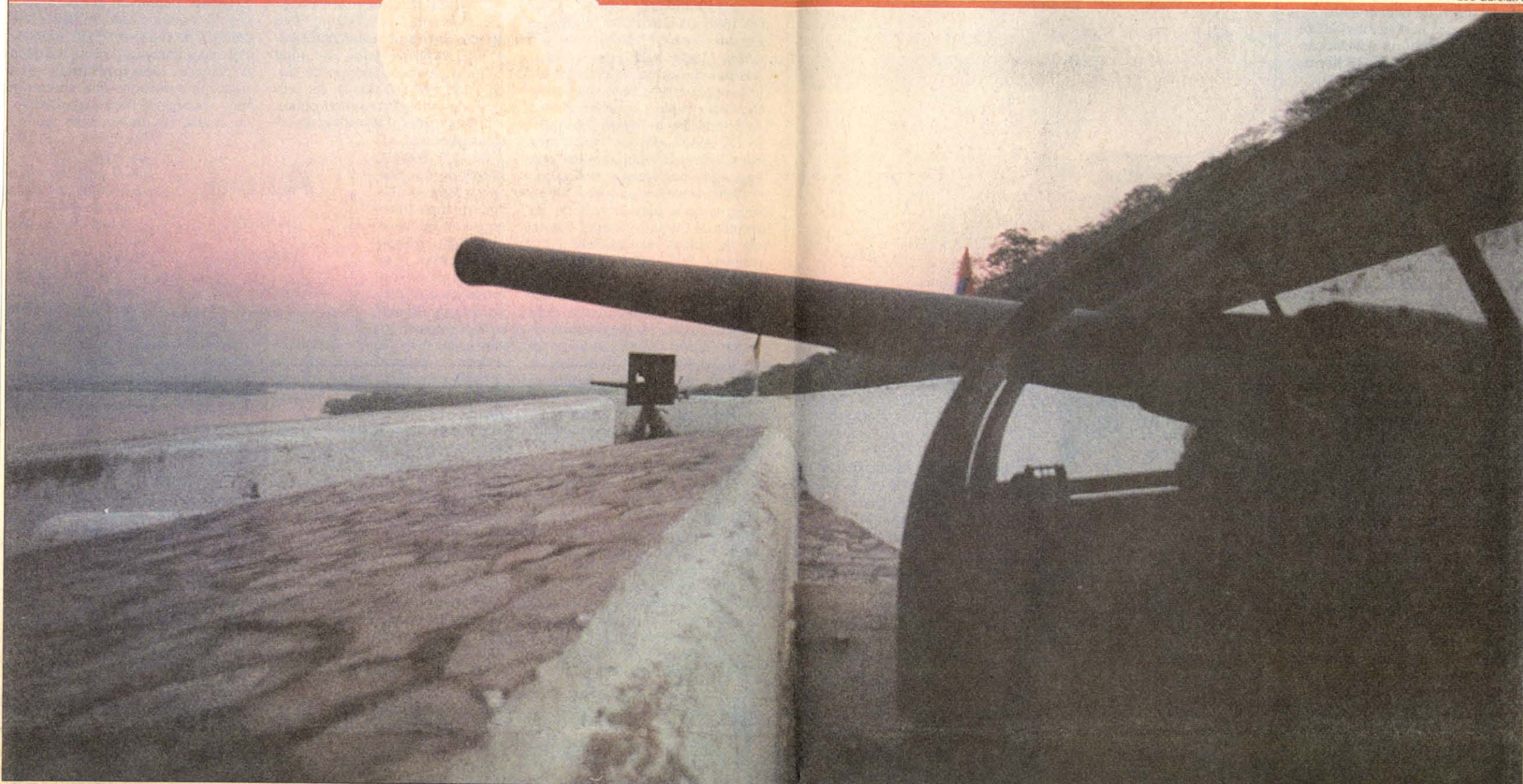


Bono Vox, de olho no futuro

Entrevista com o cantor do U2, que deve fazer shows no País. Última página

ANO IX NÚMERO 3.865 □ SEGUNDA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO DE 1997

Edu Garcia/AE



O Forte de Coimbra, em Corumbá: em 1778, índias guaicurus seduziram soldados portugueses que o guardavam, numa noite de muita bebedeira e lua cheia, para que a tribo os atacasse pela manhã

Lúcia Murat resgata história no Pantanal

A cineasta prepara filmagem de 'Brava Gente Brasileira', que terá a participação de índios

NORMA COURI
 Especial para o Estado

CORUMBÁ — O "cavalo de Tróia" brasileiro foi um grupo de lindíssimas índias que se ofereceu aos soldados portugueses numa noite de muita bebedeira e lua cheia. Os soldados baixaram a guarda, largaram as armas e se entregaram ao prazer até de manhãzinha, quando, adormecidos, foram atacados de tocaia pelo resto da tribo. Cinqüenta e quatro soldados morreram, sem saber por que, nessa armadilha. As índias eram da aguerida tribo guaicuru, os soldados guardavam o Forte de Coimbra em pleno Pantanal, quase fronteira com Bolívia e Paraguai, e o ano era 1778.

No ano que vem é o aniversário de 220 anos desse presente de grego dos nativos do Brasil aos colonizadores e a história caiu nas mãos da cineasta Lúcia Murat, de *Doces Poderes*. Autora também de um filme que há oito anos cantou a resistência das mulheres torturadas pela repressão, *Que Bom Te Ver Viva*, Lúcia, ela mesma torturada e resistente, apaixonou-se pela artimanha indígena para driblar o branco opressor e embrenhou-se pelo Pantanal. De lá ela saiu com a locação, os personagens e a sinopse de *Brava Gente Brasileira* — título tirado de um verso do hino brasileiro.

O filme fica pronto em 1998 e a produção de R\$ 3 milhões tem o apoio da Skylight no Brasil e em Portugal. No mês que vem ela estará de volta a Mato Grosso do Sul para iniciar as filmagens.

Estado — A história a fascinou por ser protagonizada por mulheres?

Lúcia Murat — Principalmente. Mas também pela estratégia militar e a capacidade de se utilizarem do conceito do branco em relação à mulher. Agiram de forma inteiramente despudorada, subverteram os



A cineasta Lúcia Murat no forte: para ela, os índios da região são guardiães de uma cultura oral que os livros não lhe dão

valores e saíram vencedoras.

Estado — Que índias você vai usar no lugar dos extintos guaicurus?

Lúcia — As cadiueus. Os cadiueus estão entre as tribos guerreiras guaicurus ainda encontradas em

Mato Grosso do Sul. Os guaicurus dominaram o Pantanal durante 300 anos, estavam lá quando os portugueses chegaram e deixaram marcas bélicas e artísticas na nossa história.

Estado — Quais são as contribui-

ções num e noutro caso?

Lúcia — Os guaicurus tinham a especialidade única na América Latina de montar o cavalo de lado, escudando-se quase embaixo, o pé amarrado com corda feita de bromélia, segurando com uma das mãos a crina e com a outra a lança ou a fle-

cha. Iam direto no peito do inimigo. Essa imagem foi imortalizada por Debret. Na arte, eles são conhecidos por uma lindíssima cerâmica desenhada em caraguatá, abacaxi nativo de onde retiram as fibras. Também pela fantástica pintura do corpo e do rosto. Há vários trabalhos expos-

tos nos museus europeus, levados pelo viajante italiano Guido Boggiani, mais tarde assassinado no Brasil pelos xamococos.

Estado — Eles impressionavam os viajantes?

Lúcia — Lévi-Strauss, Darci Ribeiro e vários viajantes, missionários e militares escreveram sobre eles. Eles surpreenderam todo mundo. Foram chamados depois pelos portugueses de ladinos e traiçoeiros quando os colonizadores cortavam a mão dos inimigos e matavam, sem piedade.

Estado — Como ficou o relacionamento dos guaicurus com os portugueses?

Lúcia — Os guaicurus achavam os soldados brancos idiotas, bobos, violentos e desumanos. Mais tarde foram eles que ajudaram os portugueses a defender o Forte de Coimbra e o Brasil da invasão dos castelhanos e por isso acabaram ganhando por direito 500 mil hectares mais ou menos na área onde estão hoje, perto da Serra de Bodoquena.

Estado — Quantos sobraram?

Lúcia — Hoje são 1.300 que resistem, ainda falam a língua deles. Mas foram dizimados, chegaram a ser 50 nos anos 30, quando antigamente dominavam a região em número de 20, 30 mil, até mais.

Estado — É com esses 1.300 que você vai trabalhar?

Lúcia — Quero pelo menos uma centena de cadiueus fazendo papel de cadiueus. Eu me recuso a pegar quatro párias bêbados fantasiados de índios e dublados. Já fui duas vezes ao Pantanal, vou voltar uma terceira agora e sinto que eles são os guardiães de uma cultura oral que os livros não me dão. O Brasil não tem essa memória trabalhada. Tanto que encheu o Forte de Coimbra de postes e fios. Isso vai me dar um trabalho de capeamento para reconstituir o cenário original do século 18.

■ Mais informações nas páginas 6 e 7

Filme começa com disputa entre Portugal e Espanha

'Brava Gente Brasileira' se passa em 1778, quando soldados portugueses que acompanham um engenheiro designado para delimitar fronteiras em Mato Grosso atacam índios guaicurus e provocam a vingança da tribo

NORMA COURLI Especial para o Estado

CORUMBÁ — *Brava Gente Brasileira* começa com a disputa pelas fronteiras do Brasil em 1778, em pleno Pantanal mato-grossense. Um grupo de portugueses que veio delimitar uma área disputada entre Portugal e Espanha. A coluna segue para o Forte de Coimbra, construído três anos antes para defender a área permanentemente reivindicada pelos habitantes nativos, os índios cavaleiros guaicurus. A Coroa está tentando um acordo de paz com os guaicurus.

Só que no caminho do forte um batedor descobre as lindas índias guaicurus tomando banho no rio — e os soldados resolvem estuprar as mulheres e matá-las em seguida. Uma se salva e segue seu agressor, Diogo, o capitão engenheiro, até o forte. Nesse caso, não corre sangue porque os dois se apaixonam.

O resto da tribo, no entanto, resolve dizimar os soldados agressores com a armadilha sexual que originou o episódio do "cavalo de Tróia" brasileiro. Diogo é um dos sobreviventes, ajudado pela índia guaicuru.

Apoiada pela natureza idílica e trágica da natureza no Pantanal, salpicado da flora mais bonita do planeta, com camalotes e carandas, o vôo de tuiuiús, o gado como passageiro das balsas que fogem das enchentes do Rio Paraguai, jacarés que hibernam, sururus que atacam tamanduás e o passo macio da onça em busca de Iguariças finas na fauna rica do lugar, Lúcia Murat escolheu, ainda, filmar o município de Bonito.

O português Diogo e a índia guaicuru fazem amor na Gruta do Lago Azul, que tem 600 milhões de anos e foi descoberta por um índio terena. Está coberta de estalactites e estalagmites, vários espeleotemas e fósseis e tem quase 100 metros de descida que conduzem ao lago mais azul que o da Gruta de Capri. Mas a cena de estupro deve ser feita no Aquário Natural, uma nascente do Rio Baía Bonita que dá uma visão privilegiada da vida dos peixes debaixo d'água.

Uma das cachoeiras de Aquidabã, que tem 120 metros de altura, vai proporcionar uma cena palpitante de aventura e risco, com a visão paradisíaca de montanhas e florestas virgens.

As reservas indígenas ainda são

Advogada é caçadora de histórias da região

Lélia Rita faz um trabalho de pesquisa minucioso e coleciona fatos como o que inspirou a diretora

CORUMBÁ — O Brasil não teria este tamanho se não fosse a coragem dos guaicurus, a defesa posterior do Forte de Coimbra e das fronteiras do País e a mágica peculiar dos portugueses em "alargar" o mapa, ganhando muita terra devida aos espanhóis. O resgate dessa história é um trabalho cuidadoso e sistemático de uma advogada e poeta de Campo Grande, filha de um ex-prefeito — ex-governador de Mato Grosso, Lélia Rita de Figueiredo Ribeiro. Presidente da Casa da Memória que leva o nome de seu pai, Arnaldo Estevão de Figueiredo, Lélia é uma caçadora de documentos perdidos, obcecada com a pescaria da história mato-grossense.

Organizadora de expedições pelo Brasil e pelo exterior, incluindo o Vaticano, para recolher verdadeiras pépitas históricas de Mato Grosso do Sul, ela coleciona histórias como a do "cavalo de Tróia" brasileiro e acaba de encontrar o mapa que enganou os espanhóis. Está na Biblioteca Pública Municipal do Porto, em Portugal. Agora, 250 anos depois, pode-se entender como a carta cartográfica chamada *Carta dos Confins do Brasil* foi deformada

a maior riqueza da região. Na Serra de Bodoquena ou na aldeia de São João, perto de Bonito, onde vivem os caditueus, Lúcia encontrou seus personagens. Como os que são da família que engloba quatro gerações: Talita, de 4 meses, a Antônio Mendes, de 87 anos.

Guardião da tradição — O índio mais antigo da redondeza vive caçando e é o guardião de algumas histórias que convenceram Lúcia da bravura dessa gente brasileira. Antônio Mendes ainda se orgulha de cavalgar de lado como seus antepassados, de dormir com cobertor feito com couro macio de veado branco e de comemorar a festa da menstruação de suas descendentes com a matança de quatro bois gordos e a corrida a cavalo dos rapazes, enquanto as moças dançam no meio.

É ele quem garante que no ataque da tribo guaicuru, em 1778, grande parte dos atacantes era, igualmente, de índias. "Meus antepassados me contaram que elas sempre se vestiram de homem para atacar quando fosse preciso."

Nilza, de 21 anos, mãe de Talita e mulher de seu neto Simão, de 22, é forte candidata a um papel no filme de Lúcia, assim como o restante da família, formado por seu filho Cipriano, de 37 anos, e Adelina, de 34. Eles não sabem quantos filhos têm, mas vão falando os nomes: Valdir, Vanderlei, Vânia, Vanildo, Rosemary, Lucimara, Denismara, Solange, Arildo...

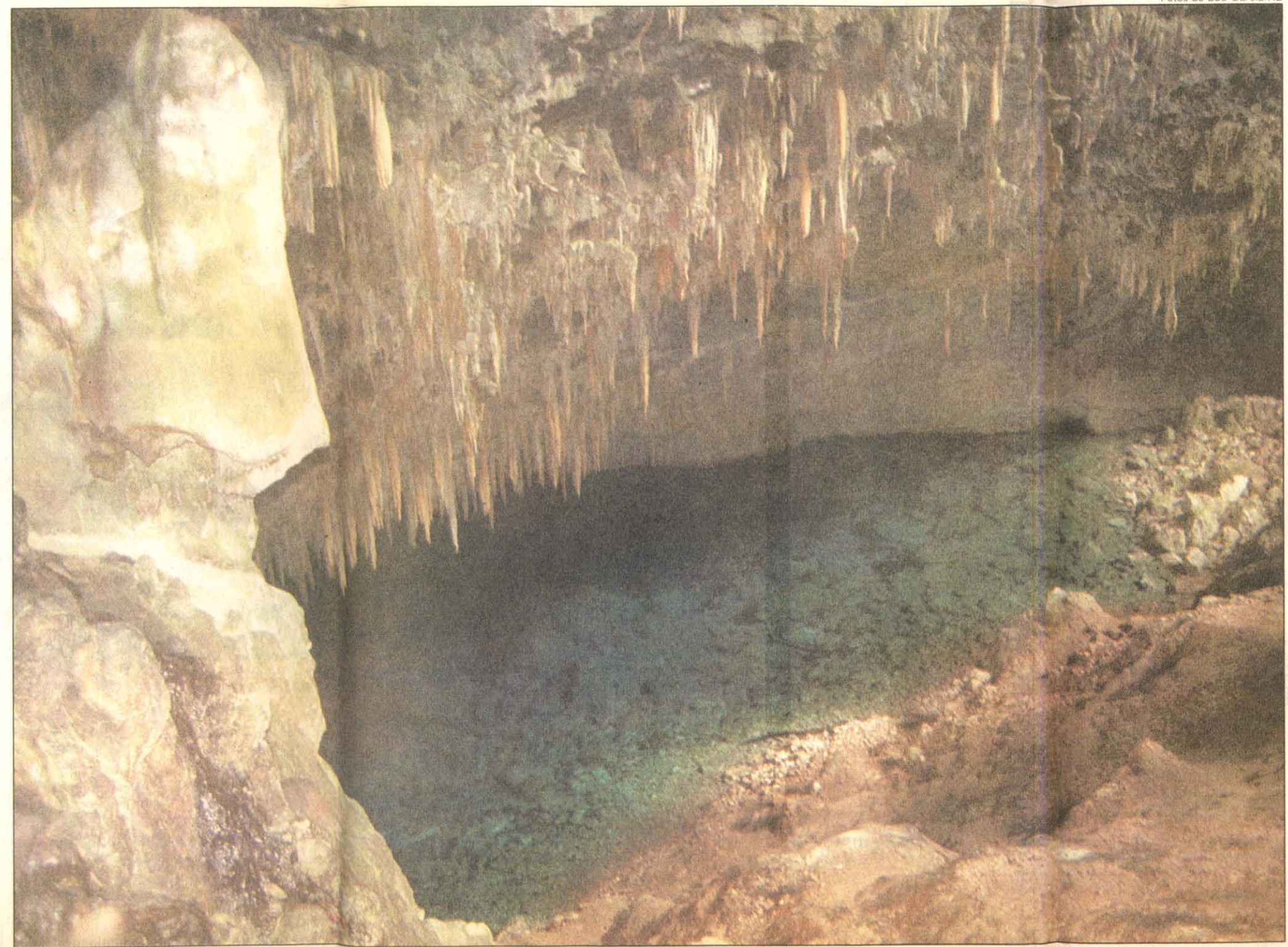
Essa família caditueu da aldeia de São João ainda não atingiu a sofisticação dos índios terenas da aldeia Limão Verde, perto de Aquidauana, cujo cacique, Evaldo Vicente Dias, não tem só TV em cores, como dizia a música de Cazuza ("Será que é o meu fim ver TV à cores na taba de um índio..."). Índio não tem apito, tem computador.

Antônio Mendes, o índio velho, mantém-se reservado dos "civilizados", diz-se "vitaminado" pelo contato com a terra, e o cavalo e tem gosto em colocar em cada árvore uma carranca de bicho para afastar os maus espíritos. Faz questão de ser chamado em família pelo seu nome original: Enapaueté. É engana os brancos falando corretamente a sua língua nativa, uma das 180 ainda faladas entre os nativos sobreviventes no Brasil.

para diminuir as perdas espanholas. Em 1748, as duas corças ibéricas confrontavam-se na América, onde os portugueses já tinham avançado muito além do permitido pelo Tratado de Tordesilhas. Nem d. João V, em Portugal, nem Felipe V, na Espanha, queriam perder seu quinhão na terra brasileira. Então os embaixadores lusitanos encomendaram um mapa para enganar os espanhóis.

Mostrava o Alto Paraguai desviado para leste entre 4 e 7 graus, e o Guaporé, como os demais afluentes do Amazonas, com desvios que atingiam erros proporcionalmente de 9 graus. As dramáticas alterações em Curitiba e Mato Grosso (Vila Bela) só foram possíveis pelo desconhecimento absoluto dos espanhóis da cartografia da região.

Graças a essa caricatura da realidade de os portugueses conseguiram que o Brasil tivesse uma configuração muito maior do que em Tordesilhas. Esse foi o conteúdo do Tratado de Madrid em 1750, que deu início às primeiras demarcações de fronteira no Brasil. O Tratado de Santo Idelfonso de 1777 fez pequenas alterações e estabeleceu as linhas demarcatórias entre as duas corças — garantindo o tamanho do Brasil. "Tivemos dois Brasis", diz Lélia. "Se tivéssemos respeitado o Brasil do Tratado de Tordesilhas, a Amazônia e o Centro-Oeste seriam hoje dos espanhóis." (N.C.)



A Gruta do Lago Azul, que tem cerca de 600 milhões de anos, onde o capitão engenheiro português Diogo e uma índia guaicuru fizeram amor: local foi descoberto por terena



O caditueu Antonio Mendes e família: suas histórias convenceram Lúcia da bravura da gente brasileira



Menina caditueu: suas ancestrais tomavam parte de ataques



A cineasta Lúcia Murat: ela encontrou os personagens nas reservas indígenas perto de Bonito



Fauna de Mato Grosso do Sul: das mais diversificadas do planeta



Macaço da região: maior riqueza local são as reservas indígenas



Cenário de sonho: Roberto Faria vai recriar expedição de Roosevelt



Além da paisagem, lendas inspiram cineastas: épico pantaneiro



Cerâmica dos caditueus: utensílios guardam tradição da tribo



Tucano, um dos pássaros típicos do Pantanal: cenas de aventura entre cachoeiras e matas

Cenário e histórias deslumbrantes atraem cineastas e pesquisadores

Roberto Faria e Joãozinho Trinta estão entre os interessados em registrar aspectos da cultura local

CORUMBÁ — Com este cenário, peripécias e emoção, dá para pensar: por que Indiana Jones ainda não apareceu neste filme? A resposta é: apareceu. No começo deste ano, de um aviãozinho fretado em Manaus desembarcou em Bonito, de surpresa e com nome falso, Harrison Ford. É possível que ele estivesse escolhendo locação para a próxima aventura no cinema. Deixou no cinematográfico hotel Zagaia um depoimento sobre o resultado do impacto: "Vocês têm um país maravilhoso. Seu legado para a próxima geração é um tesouro para o mundo inteiro."

A verdade é que a região tem tantos pretendentes que pode dispensar Indiana Jones. O próximo candidato é Roberto Faria, que neste momento está em Campo Grande. O projeto é filmar a aventura de Theodore Roosevelt numa expedição pelas redondezas que quase lhe custou a vida. "Pode-se dizer

que ele morreu em consequência da viagem", diz o diretor. A expedição durou seis meses na selva, subindo o Rio Paraguai à procura da foz do rio, que Rondon chamava de Rio das Dúvidas, com direito a mortes, assassinatos, canoa nas costas, fome, falta de alimentos básicos, doenças e total desconhecimento do antibiótico. Roberto Faria busca o roteiro num livro editado na Inglaterra, em 1930, por um dos companheiros de Roosevelt, que sobreviveu. E herdou o legado de 30 anos de pesquisa de Mario Civelli, que morreu sem concluir o filme.

Meninos de rua — Outro que está na fila para filmar a alegoria viva do Pantanal é Joãozinho Trinta. Ele já veio três vezes a Corumbá, tem um projeto para a região Centro-Oeste com os meninos de rua do local e já contatou as cantoras de música regional, Vera Baqueti e Zuleica Arruda, para iniciar a criação da história. "Índio só briga por mulher", diz outra pesquisadora do grupo e cantora das canções boiadoras, Alayde Prado. "Quando elas rareiam, eles armazenam alimentos e saem em luta com outras tribos. E cantam 'bacororó arovi, caiatu manotu...'"

Em Corumbá, diante de tanto interesse em livros e filmagens, a gente local acredita que acabou a maldição do padre Mariano. Ele foi-se embora há 200 anos maldizendo até a terra na sola das sandálias que atirou em lugar desconhecido, rogando a praga: "Enquanto não acharem em sandálias, Corumbá vai amargar 200 anos de atraso." Lélia Rita de Figueiredo Ribeiro, ex-diretora de Cultura do Estado e atual presidente da Casa da Memória — que leva o nome de seu pai (Arnaldo Estevão de Figueiredo), e existe pa-

de "desenterrar" a história de Mato Grosso do Sul — organiza expedições na região. Ela está realizando um filme épico dessa "operação resgate". A última expedição, ao Forte de Coimbra, no mês passado, foi documentada em filme.

Inimigos paraguaios — Ela conta a história do erro do local de construção do forte, que acabou ficando do lado espanhol e salvando o Brasil ao se tornar muito mais estratégico. Lélia filmou a imagem de Nossa Senhora do Carmo sobre o Forte que, ao ser erguida do alto da muralha pela mulher do comandante Portocarrero, Ludovina, garantiu a rendição dos soldados inimigos paraguaios, que caíram de joelhos. O filme narra a história do índio Niximika, que remou numa igarapé 500 quilômetros Rio Paraguai acima, para avisar os portugueses dos planos de ataque das frotas castelhanas; a bravura do soldado Melo, que assegurou a fuga de toda uma guarnição, de mulheres e crianças durante três meses pelo acidentado Pantanal Mato-Grossense.

O filme registra também detalhes da resistência do Forte na Guerra do Paraguai. Lélia tem três livros de poesia, um sobre a região, *O Homem e Sua Terra*, esse filme épico em andamento, e um projeto — descobrir onde está sozinha a história de uma arqueóloga paulista, Jane Taton, vive passar férias com o marido português, Henrique Ruas, e acabou dona da pouxada mais aconchegante de Bonito, Olho D'água.

Também, virou teimosia registrar em livro a vida de um filho amado da terra, o coronel Bonito, a cujo diário destruído pela mulher Chiquita a pesquisadora Vera Randazzo se dedica há anos.

Pioneiros — Era o tempo em que as fazendeiras usavam combinação com alcinhas de ouro e dominavam a terra com garra, como Sinhá Moreira, que aprendeu a ler com um soldado paraguaio, baleado na Guerra do Paraguai, e viveu tanta aventura que soultou pelo *Repórter Exso*, na televisão: "Os pioneiros estão chegando a Brasília." "Pioneiro? De avião?"

É a brava gente brasileira. Há 15 anos o vice-presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Adauto Alencar, pesquisa a vida do construtor do Forte de Coimbra, Ricardo Franco de Almeida Serra, comandante até 1809. Já sersentão, Ricardo Franco criou uma índia guanã com quem se casou, depois que ela fez 15 anos, teve vários filhos. "Nós temos história", diz o presidente da AML, João Monteiro, também expedicionário, junto com Alencar e Lélia.

A gente brasileira é feita desse cruzamento e dessas histórias, como as de um dos guias turísticos mais antigos de Mato Grosso, consultor de pelo menos uma dezena de filmes nacionais e internacionais, procurado por Lúcia Murat. É Sérgio Gonzaga, que agora vai transformar em livro seu 20 anos de Gruta do Lago Azul, onde desceu 11 mil vezes, construiu os 290 degraus, descobriu várias carrancas — o buda, o L.A. de Lago Azul, formado pelos estalactites —, viu pelo menos dois jovens morrerem num mergulho profundo demais e tenta transmitir a Lúcia vários mistérios ancestrais. (N.C.)

PADRE AMALDIÇOOU CORUMBÁ POR 200 ANOS